

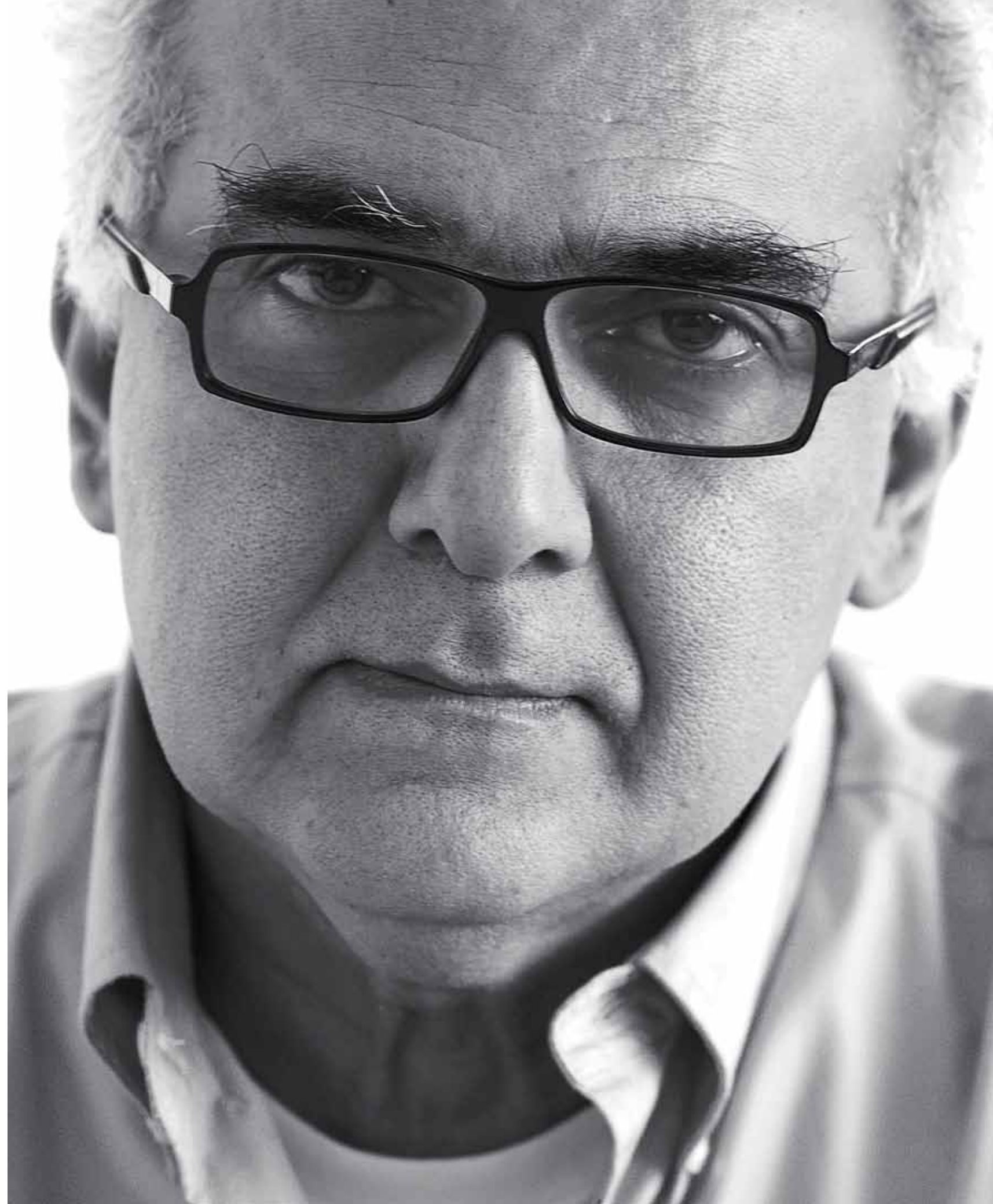
MILTON HATOUM

NA OUTRA MARGEM DO RIO

EM SEU NOVO ROMANCE, O CONSAGRADO
ESCRITOR MILTON HATOUM DEIXA AS PAISAGENS
AMAZÔNICAS QUE SE TORNARAM CENÁRIO DE
SEUS LIVROS E DE TRÊS NOVOS FILMES

POR KÁTIA MELLO FOTOS RENATO PARADA

O livro *Mea Culpa*, do escritor cubano Guillermo Cabrera Infante, descansa numa mesa, ao lado de dois pares de óculos e de um calhamaço de páginas rabiscadas a lápis numa letra miúda. Um dos mais celebrados escritores brasileiros, o amazonense Milton Hatoum, de 59 anos, ganhador de três prêmios Jabuti, não tem computador em seu escritório, no bairro paulistano de Alto de Pinheiros. Numa sala iluminada e espaçosa, com vista para um jardim, ele escreve à mão todas as manhãs e tardes. Depois de quatro anos, Hatoum agora anuncia que está pronto seu mais recente romance, que leva o nome provisório de *O Lugar mais Sombrio*. O livro está sendo revisado por sua mulher, Ruth Lanna, com quem tem dois filhos: João, de 7 anos, e Gabriel, de 4.



Neste novo livro, Hatoum tira os pés dos igarapés de sua infância na Amazônia, retratados em quase todas as suas obras, como o best-seller *Dois Irmãos* (2002), e atravessa o oceano rumo ao continente europeu. *O Lugar mais Sombrio* fala do exílio dos latino-americanos na França e traz referências teatrais, como o dramaturgo Samuel Beckett. “Gosto de teatro”, diz Hatoum. Tanto aprecia esse ofício que revelou a intenção de fazer uma ponta em algum dos filmes baseados em seus livros que estão sendo rodados. Sua obra é tão rica e complexa que três cineastas se interessaram em filmá-la. O cineasta Luiz Fernando Carvalho foi para a Amazônia rodar a minissérie *Dois Irmãos*, da TV Globo. O diretor conta que foi difícil encontrar a Manaus de arquitetura preservada como a do livro. O ator Wagner Moura interpreta os gêmeos Yaqub e Omar. O primeiro romance de Hatoum, *Relato de um Certo Oriente*, está sendo filmado por Marcelo Gomes e *Órfãos do Eldorado* (2008) é dirigido pelo estreante Guilherme Coelho.

Você considera sua obra cinematográfica?

Os cineastas acham que meus livros podem inspirar um bom filme. Com esses filmes, minha obra vai alcançar muitos mais leitores. A série *Dois Irmãos*, transmitida pela TV Globo, deverá atingir 20 milhões de pessoas e atrair um público leitor considerável. É o meu best-seller de longo prazo.

Quem é o seu leitor?

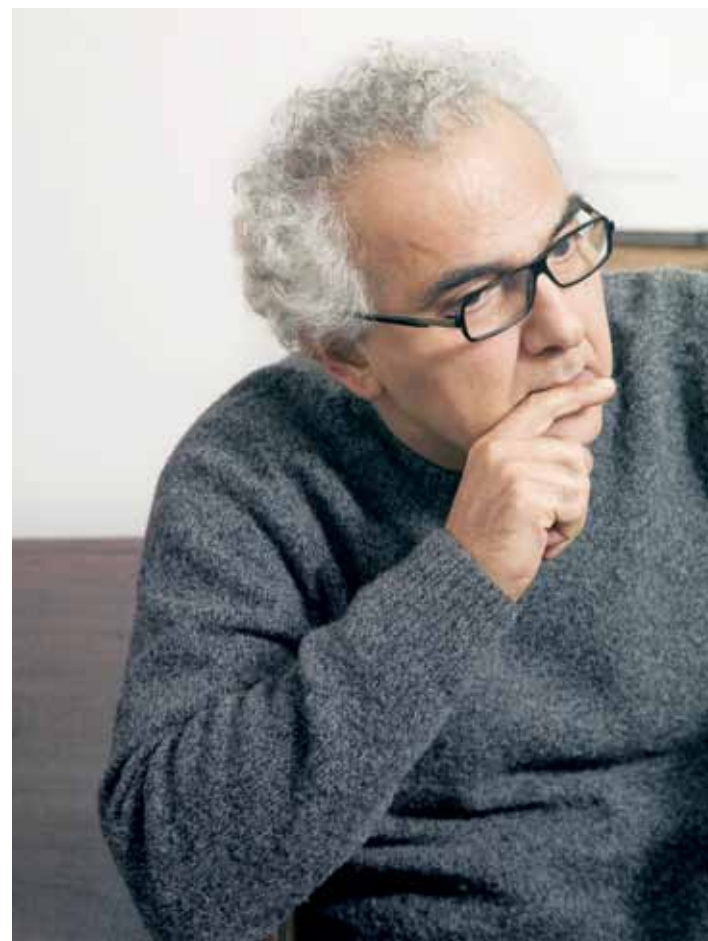
O livro *Dois Irmãos* atingiu um público heterogêneo. Caiu em várias provas de vestibulares de universidades de norte a sul do Brasil. Atraiu quem gosta de romance. E eu achava que esse livro seria um desastre. Era pessimista.

Por que pensava assim?

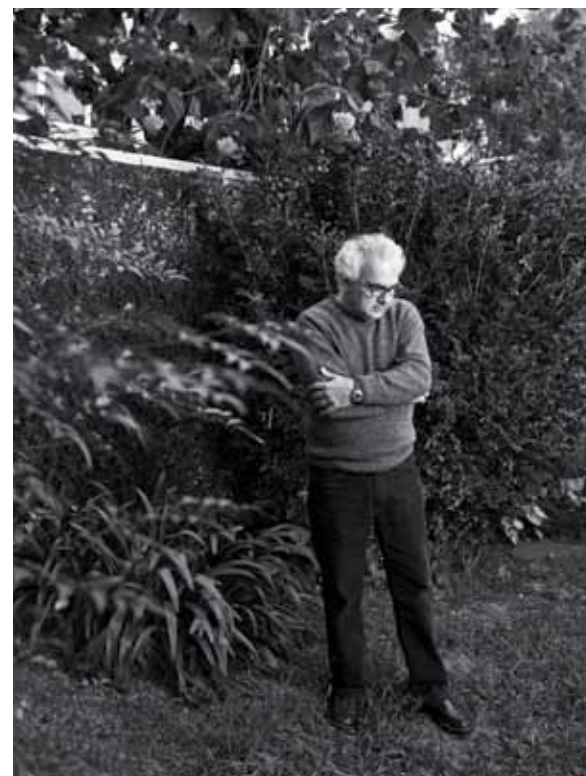
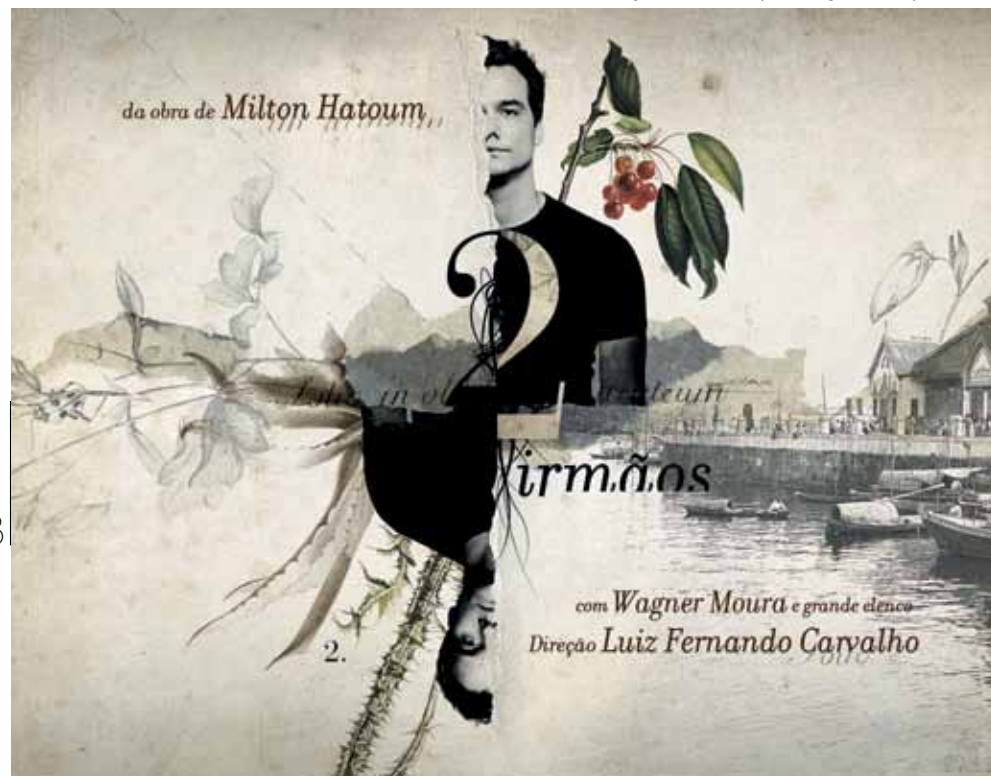
Porque o leitor brasileiro não gosta de ler. Prefere os best-sellers americanos ou os livros de autoajuda. Na verdade, esses milhões de leitores de best-sellers não vão ler *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, ou *A Educação Sentimental*, de Gustave Flaubert, ou ainda *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal. Felizmente, descobri que existem brasileiros que gostam de boa literatura. Ouço isso não só do MEC, mas de muitas pessoas sobre a qualidade de nosso leitor. É a escola de qualidade e o ambiente familiar que formam bons leitores, nessa ordem. Eu fui formado pela escola pública e pelos livros que minha mãe comprava.

Como constrói seus personagens?

O romance é um artifício verbal, feito com sentimento, inspiração, paixão. E a arte não está desvinculada da reflexão. Os grandes romances narram os dramas familiares e sua arte está em retratar uma vida particular. O que atrai o leitor é a vida das pessoas. O grande desafio é



Cartaz de *Dois Irmãos*: o ator Wagner Moura interpreta os gêmeos Yaqub e Omar



// FUI FORMADO PELA ESCOLA PÚBLICA E PELOS LIVROS QUE MINHA MÃE COMPRAVA



fazer personagens convincentes, complexos, ao mesmo tempo contraditórios e vivos. Isso dá trabalho. Todos eles têm algo de mim. Os meus piores sentimentos, o meu lado obscuro está lá.

Em seus romances, a sensualidade amazonense é muito presente. De onde vem isso?

Eu tive uma infância e uma adolescência muito livres. Meu pai me deu a chave de casa quando eu tinha 12 anos. Fiz parte da primeira banda eletrônica em Manaus. Era crooner e cantávamos tudo, como Beatles. Foi o primeiro dinheiro que ganhei na minha vida. Com 15 anos, fui para o paraíso mundano. Eu frequentava os balneários-bordéis, que eram maravilhosos. Nos clubes, você dançava, tinha um lado romântico. O meu conto “Varandas da Eva” ilustra um pouco essa época dos boleros. Manaus tinha muita influência do Caribe, é uma cidade muito erótica.

Você costuma dizer que a vivência é que o fez ser um bom escritor. Por quê?

Tive bons professores no colégio em Manaus e também leio desde muito jovem. Mas eu não passava o dia lendo. A literatura é vivência. E essa vida libertária, com bandas, serenatas, grêmio estudantil, me deu muita coisa. O fato de eu estudar em escola pública, com meninos pobres, também me salvou, pois conheci os bairros pobres de Manaus. A escola pública me deu a visão da pirâmide social no Brasil. Filhos de empregadas, faxineiras estudavam com filhos de desembargadores. E eu frequentava a casa de alguns deles. Além disso, eu conheci outros idiomas. Meu pai era libanês, meus avós paternos também. Minha avó falava francês e eu escutava muita música árabe. Convivi também com judeus marroquinos. E adorava ir com meu avô aos bairros flutuantes. Foi uma época rica na minha vida. Tudo isso faz parte de um mundo que tento transformar em um microcosmo, que é o meu romance.

// A LITERATURA É VIVÊNCIA. E ESSA VIDA LIBERTÁRIA, COM BANDAS, SERENATAS, ME DEU MUITA COISA”

Para escrever *Viagem do Elefante*, o escritor José Saramago disse que estudou os movimentos do animal. Você faz pesquisas para seus romances?

No livro *Órfãos do Eldorado*, uma novela de 100 páginas, por ser um gênero difícil, eu queria que os conflitos familiares fossem de ordem política. Tive de fazer uma pesquisa, com relatórios de 1900 a 1940, sobre os casos de corrupção na cidade de Parintins (*centro simbólico do romance*). Também pesquisei sobre os mitos na Amazônia. Quando estava no meio do livro, parei de escrever e fui para lá. Faltava o nome de um personagem. Desci o Rio Amazonas e os rios vizinhos. Não fotografei nada. Andei pelos povoados e conversei muito com as pessoas. Então veio o nome da personagem Dinaura. (*O escritor argentino*) Jorge Luis Borges costumava dizer que não faz bem ir atrás da história (*risos*).

Você levou uma década para escrever *Dois irmãos*. Em que momento percebe que seu romance terminou?

Aos poucos vou me desgarrando, desmamando do livro. E vou até o limite. Quando começo a ficar enjoado do que escrevi, paro. Escrevo à mão, não tenho computador. Às vezes, escrevo seis horas por dia, inclusive cartas de amor imaginárias. Eu não tenho bloqueio para escrever. O meu dia começa com o romance, mas nem sempre o termino com ele. É uma viagem sem destino certo. ■



O escritor amazonense em sua casa em São Paulo, brincando com o filho mais novo, Gabriel, de 4 anos